



UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

FFP - Faculdade de Formação de Professores

Lucimar da Silveira Vieira Machado

Desenho – Pré-estabelecido e Espontâneo

Rio de Janeiro (RJ)

2008

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

FFP - Faculdade de Formação de Professores

Desenho – Pré-estabelecido e Espontâneo

Lucimar da Silveira Vieira Machado

Monografia submetida ao corpo de docentes do departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção da graduação no curso de Pedagogia. Sob a orientação do professor: Rogério Coutinho

Rio de Janeiro (RJ)

2008

Agradecimentos

A Deus que me fez chegar até aqui.

A meu esposo Jailton pelo carinho e incentivo.

Aos meus filhos Jônatas e Lílian pela compreensão nas horas de ausência.

A minha mãe Zenir irmã Ângela e meu sobrinho wellington pelo incentivo.

A minha família querida, que me encorajou nesta jornada.

Aos professores da UERJ que me ajudaram.

Ao professor orientador, Rogério Coutinho pela confiança depositada durante o processo de desenvolvimento do presente trabalho.

Aos amigos do curso de pedagogia e aos irmãos da igreja.

“Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo, e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo, com um lápis em torno da mão eu me dou uma luva, e se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva. Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel, num instante imagino uma linda gaivota voar no céu...” (Aquarela- Toquinho e Vinícius de Moraes).

Sumário

Resumo.....	6.
Introdução.....	7.
Lista de Figuras.....	9.
Capítulo I - A criança e a arte de desenhar.....	11.
Capítulo II – A atuação do professor.....	17.
Capítulo III – O ambiente escolar.....	22.
Capítulo IV - Fases do desenho de 2 a 5 anos.....	30
Considerações Finais.....	42.
Bibliografia.....	44
Anexos.....	45.

Resumo

A presente monografia analisa duas formas como o professor de educação Infantil vem trabalhando a arte de desenhar em sala de aula, ou seja, o desenho de livre expressão e o desenho pré-estabelecido. Através de pesquisa realizada em duas escolas, uma da rede pública de ensino, o Centro Integrado de educação Pública(Ciep) do Porto do Rosa, e uma da rede privada de ensino, o Centro Educacional Alzira Medeiros(CEAM), localizado em Ipiiba(SG), observamos qual das duas formas de se trabalhar o desenho é mais enriquecedora, a nível de desenvolvimento para a educação infantil. Para pesquisarmos o desenvolvimento da prática de desenhar no cotidiano escolar, construímos um questionário que foi respondido pelas professoras da educação infantil I, II e III, dessas respectivas escolas. Através deste e da atuação das mesmas, observamos se o professor da educação infantil tem realmente conseguido atuar em sua prática pedagógica de acordo com suas teorias. Falamos um pouco sobre o ambiente escolar e a influência que o mesmo exerce no fazer artístico da criança, Através de alguns trabalhos desenvolvidos em sala de aula, a partir da primeira fase – garatuja - até construções cada vez mais ordenadas que fazem surgir os primeiros símbolos. Propusemos essa análise por considerarmos que a criança se expressa através do desenho, revelando o que vê, sente e percebe, criando e recriando individualmente ou em grupo, suas experiências, integrando assim reflexão e imaginação.

Palavras chaves: Pré- estabelecido, livre- expressão, esteriótipo.

Introdução

Durante cinco anos trabalhei na educação infantil. Durante esse tempo pude observar que toda criança se encanta com atividades artísticas, que em simples grafismos denominados de garatujas, são expressos sentimentos de alegria, amor e agressividade, isto acontece naturalmente, visto que a mesma não tem a intenção de fazer uma obra com o olhar do adulto, e sim por prazer.

Sabemos que todo o profissional da área de educação deve incentivar o aluno a produzir artisticamente. Mas qual tem sido a reflexão do professor de educação infantil em relação à arte de desenhar? Será que temos pensado o desenho infantil apenas como mais uma atividade recreativa? Será que temos ajudado nossas crianças a crescerem em seu potencial artístico, visando os seus vários saberes e sua livre expressão na arte de desenhar ou temos visto como um simples passa tempo? Sabemos que a arte na escola é de grande importância para a criança, pois ela proporciona um melhor desenvolvimento cognitivo, além de ser uma atividade prazerosa, relaxante e que se for bem orientada a levará a uma ação reflexiva. As crianças se forem estimuladas a desenhar, o farão com bastante alegria, com liberdade para exercitar esse potencial.

Assim como o gesto e a fala, o desenho é a sua primeira forma de linguagem, aonde a criança brinca e resignifica o seu mundo, expressando assim os seus sentimentos, organizando o seu eu interior. Neste momento de produção pessoal, onde a criança irá extravasar os seus sonhos, seus anseios mais profundos, é uma experiência pessoal, o educador geralmente interfere e troca o desenho espontâneo, que antes fazia parte do universo infantil, pelo desenho pré-estabelecido, reservando assim, para a arte de desenhar livremente um lugar à parte nesse processo educativo.

Segundo Froebel:

O esforço para manifestar-se através da arte manifesta-se desde a infância, ela é uma disposição natural do homem que deve ser cultivada. E a mesma está ligada a religião, tentando representar o eterno, por isso a arte deve aparecer em todas as matérias, de diferentes maneiras. (1864, p. 44-47).

Através do desenho, pode-se conhecer melhor o universo infantil. Quando o meu filho tinha três anos, ele fez vários desenhos na parede de seu quarto e disse: “- Está tão bonito como minha escola!”

Percebemos que as paredes de sua escola estavam sendo desenhadas. Naquele momento ele estava representando o seu cotidiano escolar através do desenho. Geralmente as crianças de educação infantil têm essa liberdade em expressar-se através do desenho, mas quando ingressam no ensino fundamental perdem todo o entusiasmo e afirmam não saberem desenhar. A escola tradicional trabalha com modelos prontos, oferecidos pelo professor, sem ter a menor liberdade em criar, refletir e agir sobre o desenho.

Será que como professores não temos negado à criança o livre prazer de desenhar, e permitido que os alunos relacionem os seus conhecimentos acumulados com os desenhos que fazem, ou temos simplesmente dado modelos pré-estabelecidos?

Neste presente trabalho iremos analisar a diferença em se trabalhar os desenhos de livre expressão e os pré-estabelecidos. Contaremos com o apoio de professores da educação infantil, através de pesquisas realizadas com crianças de 2 a 5 anos de idade. Analisaremos suas produções e faremos uma comparação entre o trabalho com desenhos de livre expressão e os desenhos pré-estabelecidos. Analisaremos alguns desenhos e falaremos um pouco sobre: a criança e o desenho, a atuação do professor de educação infantil em relação à arte de desenhar; o ambiente escolar adequado para o fazer artístico da criança, as fases do desenho.

Lista das Figura

Figura 01 - Pedro Henrique – CEAM.....	11
Figura 02 – CIEP - Sala do Jardim.....	17
Figura 03 - Paredes do CIEP.....	22
Figura 04 - Paredes do CIEP.....	23
Figura 05 - Paredes do CIEP.....	23
Figura 06 - Paredes do CIEP.....	24
Figura 07- Auto Retrato.....	24
Figura 08 - Sala de Aula do CEAM.....	25
Figura 09 - Corredor do CEN.....	26
Figura 10 - Sala de aula do CEN.....	27
Figura 11- Mural do CEN.....	27
Figura 12 - Sala de arte do CEN.....	28
Figura 13 - Sala de arte do CEN.....	28
Figura 14 - José Henrique - 3 anos CEAM.....	29
Figura 15 - Weligton - 2 anos C EAM.....	30
Figura 16 - José Henrique - 2 anos CEAM.....	31
Figura 17- Matheus - 3 anos CEAM.....	32
Figura 18 - Josué – 3anosCIEP.....	33
Figura 19 - Ariadine -2 anos CEAM.....	33
Figura 20 - Miguel - 4 anos CEAM.....	34
Figura 21 – Gabriel - 3 anos CIEP.....	34
Figura 22 - João 3 anos CEAM.....	35
Figura 23 - Alice – 3 anos CEAM.....	36

Figura 24 - Victor – 4 anos CIEP.....	36
Figura 25 – Manuela – 4 anos CIEP.....	37
Figura 26 – Lucas – 4 anos CEAM.....	38
Figura 27 – Beatriz – 5 anos CIEP.....	40.

Capítulo I - A criança e a arte de desenhar

Quando ouvimos a música “Aquarela” de Toquinho e Vinícius de Moraes, conseguimos nos transportar para o universo rico e destemido da imaginação do desenho infantil, quando eles falam:

“Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo, e com cinco ou seis retas e fácil fazer um castelo, corro o lápis em torno da mão eu me dou uma luva, e se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva. Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel, num instante imagino uma linda gaivota voar no céu...” (1998).

Como já se sabe, o desenho é uma forma de linguagem e ao mesmo tempo forma e conteúdo. Através dele a criança se expressa e registra o lúdico, o científico e o fazer artístico. O lúdico é registrado quando ela representa no papel, suas imaginações, sensações, emoções e suas experiências cotidianas, transformando o ato de desenhar em uma prazerosa brincadeira. Representa o científico quando expressa sua visão de mundo, constituindo assim como uma linguagem artística, elaborada por fases que dependerão de seu nível de desenvolvimento psíquico infantil, que varia de criança para criança. O artístico quando ela se apropria da obra e sente-se livre para criar de forma autônoma.

Segundo Pilar:

“O desenho enquanto imagem gráfica vincula-se mais aos aspectos figurativos da Cognição, porque busca uma correspondência entre o objeto real e a imagem mental que o sujeito tem do objeto. (1996, p. 21).

Por isso, o desenho é um eficiente meio de comunicação, ao desenhar a criança percebe que esse é ação sobre a superfície, e que é, algo para ser visto, aprendendo assim pela ação de desenhar, percebendo os limites que lhe são impostos pelo papel, soltando sua imaginação ao conseguir colocar o real num plano imaginário, e porque não dizer “mágico”. A criança se apropria do desenho enquanto representação visual e imaginativa.

Certa vez em sala de aula percebemos um dos alunos desenhando um sol, minutos depois todos estavam desenhando a mesma coisa. Perguntamos porque todos estavam desenhando sóis, então eles me disseram

que gostariam que o sol aparecesse de verdade. Só então percebemos que estava chovendo a semana toda. De uma forma coletiva estavam expressando os seus desejos através do desenho.

Percebemos que quando se desenha em grupo, há uma interação global da criança com o outro. A isto podemos chamar de desenho de ação inteirada, pois o mesmo acarretará em um resultado visual que será percebido pelo grupo podendo levá-los a pensar no que irão desenhar de forma coletiva podendo torná-los cada vez mais criativos e investigativos.

No processo de comunicação Derdyk, destaca que:

A vivência é a fonte do crescimento, o alicerce da construção de nossa entidade. Fornece um leque de repertório, amplia a possibilidade expressiva (...) pode significar um “caminho aberto para o desconhecido, ampliando a nova consciência. (1994, p.11).

Ao desenhar em grupo ela terá contato com outras formas de desenhar. Vygotski destaca que:

É impossível pensar o ser humano privado de contato com um grupo cultural que lhe fornecerá os instrumentos e signos que possibilitarão o desenvolvimento de atividades. (1984, p. 18,19). (Fig.1).



Figura 1- José Henrique- 2 anos (CEAM) Acervo da autora

Percebe-se aí, a importância de se inserir a criança em um contexto onde ela possa interagir com outras crianças, receber e trocar vivências.

Atuando na educação infantil durante um tempo, e também nas aulas de Prática de Ensino, temos percebido a expressão de alegria que floresce nos rostos das crianças, quando lhe damos tempo para desenhar. Porém, creio que esse prazer deixa de existir se não lhe concedemos essa hora de liberdade e ação. Essa forma de explorarem o imaginário desenvolvendo assim sua função expressiva de forma plena. Na maior parte do tempo, não são dadas às crianças oportunidades concretas para que elas desenhem livremente, geralmente o desenho livre fica para o término da aula.

Percebo que há um grande questionamento entre os educadores, não só da educação infantil, mais em todo o ensino fundamental sobre o desenho de livre-expressão e o desenho pré-estabelecido. Alguns educadores já conscientizaram-se de como são prejudiciais para a criatividade das crianças os modelos pré-estabelecidos, e de como podem bloquear a imaginação infantil levando-os a um adestramento. Sabem que o desenho é uma forma de comunicação e que pode ser um meio de se compreender a realidade infantil, sendo ele um valioso instrumento no seu desenvolvimento.

A escolha desse tema foi seguido de alguns conhecimentos adquiridos ao longo de minha vida profissional e acadêmica. Neste período percebi que os professores ao atuarem preocupam-se com o conteúdo a ser dado, e deixam à parte o desenho de livre expressão. Segundo a LDB 9394/96. Arte é uma disciplina obrigatória nas escolas, por isso cabe as equipes de educadores realizarem um trabalho de qualidade nas escolas, a começar pela educação infantil, levando a criança a valorizar suas atividades e serem livres para se expressarem através do desenho.

Neste presente trabalho, discutiremos a diferença em se trabalhar o desenho de livre expressão e os pré-estabelecidos, discutindo o desenvolvimento do mesmo nas escolas da rede pública e privada de ensino, onde a presente pesquisa servirá de contribuição para uma melhor atuação de professores da educação infantil quanto a arte de desenhar, pois entendemos que o desenho infantil é um processo que começa cedo, bem antes do ingresso da criança na escola, e que, evolui com a interação do mundo físico real.

Procuramos estabelecer alguns critérios para o desenvolvimento desta pesquisa, realizando um levantamento bibliográfico e centrando nossa análise em: Luquet, Iavelberg, Vygotsk, Derdyk, Lowenfeld, Merediéu, Ana Mae Barbosa, Froebel, Bogdan, Biklen, visando um embasamento teórico e a um estudo dentro da abordagem qualitativa.

Bogdan; Biklen destacam que:

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem um potencial, para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. (1992, p. 49).

O processo de coleta de dados e as imagens contidas nos textos foram coletados em três escolas, duas da rede privada e uma da rede pública. Através dessas coletas realizamos as referidas análises.

Para Bogdan;

O processo de coleta de dados é como um funil: as coisas estão abertas de início (no topo) e vão se tornando fechadas e específicas no extremo. O investigador qualitativo planeja utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes. Não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação (1994, p.50).

Fundamentamo-nos nos autores citados e em minha própria vivência como profissional da área. Coletamos dados na educação infantil das escolas: Alzira Medeiros, Centro de Educação de Niterói e n CIEP do Portão do Rosa. Separei os desenhos de acordo com o processo de desenvolvimento de crianças de 2 a 5 anos. Realizamos um questionário com as professoras das respectivas turmas.

Sendo assim esse presente trabalho faz considerações sobre: a atuação docente na educação infantil e desenvolvimento do grafismo de 2 a 5 anos, ressaltando que o mesmo não é um conjunto de rabiscos sem sentido, ou desenhos desprovidos de significações. É a representação simbólica que a criança manifesta de sua visão de mundo, dentro de um contexto sócio-cultural, que mostra ao adulto o seu universo repleto de imaginações, percepções e idéias que irão gerar um desenvolvimento moral, intelectual e lúdico que se expressa através do desenho.

Wallon afirma que:

A fantasia é constituída sempre com material retirado do mundo real, ou seja, a imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade de experiência acumulada diretamente pelo homem. Quanto maior for a experiência do mesmo, maior será a sua possibilidade para imaginar. (1971, p.18).

Essas são algumas questões que considero de grande relevância nesta pesquisa.

Capítulo II - A atuação do professor.

Durante o período de estágio, pudemos conviver com vários profissionais na área de educação infantil. Alguns já estão se aposentando (em sua maioria) pensam em sua prática pedagógica como algo bem sucedido, que contribuiu para o pleno desenvolvimento do potencial de seus alunos. Acreditamos que perderam durante sua trajetória profissional o seu senso crítico, e o entusiasmo que nos direciona a vivência de novas experiências e que nos leva a repensar, dia após dia, sobre o nosso fazer pedagógico. Observamos que em sua prática há uma rotina pouco criativa e com pouca liberdade de expressão para com os seus alunos

Outros estão começando, e sem nenhuma experiência chegam a ficar ansiosos pela oportunidade de exercerem a profissão. São muitas as suas expectativas e anseios em relação a prática pedagógica. O fato, que é um desafio, é conciliar nossas teorias com as práticas conteudistas que nos são impostas no cotidiano escolar.

Segundo Rosa Lavelberg:

“ É necessário que o professor seja um estudante fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender. Nesse sentido o professor mobilizado para a aprendizagem contínua em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura a seus estudantes.” (2003 p. 12)

Ser professor é ir além de nossas expectativas em relação ao ato de ensinar. Se o professor não tiver muita força de vontade e certeza da importância que o desenho infantil exerce no desenvolvimento da criança, fatalmente acaba cedendo às pressões que o sistema lhe impõe, pois ensinar, não é transferir conhecimentos ou conteúdos. É uma troca de saberes, onde o aprender e o crescer andam juntos.

Quando falamos no ato criador da criança, pensamos no papel fundamental que o professor exerce em lhe proporcionar meios, condições para que ela possa desenvolver-se de forma orientada. Para que isso ocorra o professor deverá interferir, de forma, a incentivar o aluno.

Lowenfeld; Brittain analisam que:

Se fosse possível que as crianças se desenvolvessem sem nenhuma interferência do mundo exterior, não seria necessário estímulo algum para seu trabalho artístico. Toda criança usaria impulso criadores profundamente arraigados, sem inibição confiantes em seu próprio meio de exprimir-se. Quando ouvimos uma criança dizer: "Não sou capaz de desenhar", podemos estar certos de que houve alguma espécie de interferência em sua vida. (1972,p19).

Muitos já escreveram sobre a relação professor e aluno. Porém percebemos que nem sempre a teoria acompanha a prática, ou seja, tem-se o discurso de como se deve atuar, mas atuam de modo diferente do discurso.

Realizamos duas entrevistas com professores atuantes na educação infantil, e nas duas percebemos que existe uma forte contradição em relação ao desenho de livre expressão e o desenho pré-estabelecido. No questionário, ao perguntarmos se elas trabalham desenho em sala de aula, as duas disseram que sim, e que o desenho é uma forma do aluno se expressar e de soltar a imaginação. Porém, as duas limitam-se a trabalhar com desenhos mimeografados. Aí eu pergunto : como o aluno irá soltar a imaginação, se a todo tempo não lhe damos abertura para fazê-lo? O interessante é que as duas dizem pertencer a escola renovada. Neste ponto percebe-se claramente, a teoria andando longe da prática.

Na escola da rede privada, os professores utilizam livros didáticos e em maior parte de suas atividades e os exercícios são direcionados para atividades de controle motor, localização espacial ou letramento. Os desenhos são sempre direcionados e nunca de livre expressão, não há uma abertura para essa atividade. Os cadernos de desenho são utilizados para registrarem datas comemorativas. Somente após a contação de uma história e que a professora pede aos alunos para desenhar um personagem relativo à história. Percebemos que conciliar teoria e prática não é muito fácil.

Segundo Freire:

Como educador preciso ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo (...), não posso de maneira alguma, nas minhas relações político- pedagógicas com os grupos populares desconsiderar seu saber de experiência. (1996, p.81).

Acreditamos que, ao lhe oferecer atividades que estejam sempre ligadas a um fazer direcionado e nunca de livre expressão, nega-se ao aluno uma grande oportunidade de conhecimento e de troca de saberes.

Na escola da rede pública, quando na entrevista perguntamos em que tipo de atividade o desenho era utilizado, a professora respondeu, como atividade de livre expressão, porém, percebemos que antes do desenho ela contava uma história e os mandava desenhar os personagens. Ao final da aula ela liberava folhas para que as crianças desenhasssem, em seguida os dispensava sem ao menos olhar os desenhos. Apesar de não utilizarem livros didáticos, percebemos que os modelos pré-estabelecidos estão presentes de forma ativa na atuação desta educadora.

Segundo Lavelberg: Os cursos de formação podem reorientar a consciência dos educadores sobre si mesmos, como agentes do processo educativo, autônomo, questionadores e criadores de propostas pedagógicas, no decorrer do processo formativo. (2003, p.53).

Atuar na educação infantil é um processo que deve ter como proposta uma educação contínua, que incorpore práticas e proposições construtivas. Um professor executor de currículos e plano é um alienado de seu fazer educador. É de fundamental importância, uma atualização contínua por parte deste.

Em uma de nossas atividades propusemos o desenho pré-estabelecido. Percebemos como os alunos seguiam passo a passo o que falávamos, era algo mecânico, sem expressão, emoção ou prazer pela atividade realizada. Era como se fossem uns grupos de robôs executando ordens. Não ocorria ali uma troca de saberes, eles apenas obedeciam a um ponto de vista adulto.

Depois distribuímos uma folha de papel A4, e propusemos uma atividade de livre expressão. Neste momento pensamos nas idéias que Jean Piaget e Luquet, defendiam em 1913: ***“Que as crianças têm um modelo interno e por isso não copiam os objetos da mesma maneira pela qual as percebem, mas transfigura-os com base nas próprias experiências”*** (1913, p.13).

Levar em conta as experiências e a maneira como as crianças percebem os objetos e desenham é muito importante pois, ao criar e recriar ali no papel , elas estão

passando uma leitura de mundo que só será percebida se os professores se detiverem em acompanhar e incentivar os alunos nessa tarefa tão prazerosa que é desenhar.

O que mais nos impressionou no desenvolvimento de desenhar livremente foi a maneira como as crianças se soltaram e como foi prazeroso para elas.(Fig.2).



Figura : 2 sala da educação infantil III- **CIEP** - acervo da autora

Como professora da educação infantil eu sempre trabalhei com desenhos pré-estabelecidos e com desenhos de livre expressão, porém, hoje ao realizar essa pesquisa paramos para analisar essas duas propostas, quanto à sua subjetividade em relação ao fazer do aluno, suas reflexões, recreações e leituras de mundo.

Conforme determina a LDB 9394/96, arte é uma disciplina obrigatória nas escolas. Por isso é de fundamental importância que o professor da educação infantil, seja bem informado em relação ao fazer arte na escola, e em especial ao desenho infantil. É necessário que busque novos conhecimentos e aperfeiçoe-se, somente assim poderá fazer um trabalho de qualidade e investir em sua formação.

Capítulo III - O Ambiente Escolar

Há pouco tempo assistimos a uma palestra sobre o ambiente alfabetizador, onde falava-se muito sobre a importância que o ambiente exerce sobre o lado psicológico do aluno. A primeira leitura que o aluno faz em relação ao desenho tem muito a ver com o espaço utilizado para o desenvolvimento dessa atividade.

Se a marca da escola tradicional era o estereótipo (desenho pré-estabelecido), hoje o modelo atual privilegia a recriação e a reflexão. Porém isso só é possível se oferecermos aos nossos alunos um ambiente que os incentive, bem diferente do modelo que chamaremos de clássico, pois a criança é incentivada a criar um modelo que ela mesma internalizou, tendo assim uma liberdade de expressão. O que deve se deixar claro para o aluno, quando o levamos a uma exposição, ou lhe apresentamos uma obra de arte, é que a proposta do trabalho não é copiar o artista, mas sim inspirar-se nele.

Recentemente levei meus alunos do 6º ano a uma exposição de Arte Moderna, que aconteceu no SESC; na aula seguinte, quando falamos sobre modernismo, os alunos foram desafiados a criarem algo que denunciasse um problema social existente no Brasil. Alguns denunciaram a violência, o desemprego. Um dos alunos simplesmente reproduziu o Abaporu. Percebi o quanto ele era detalhista, e comecei a trabalhar o desenho de imaginação. Decidi expor todos os materiais de desenho existentes na escola e a partir dali surgiram idéias e colocações inovadoras no fazer artístico da sala. Um ambiente claro, arejado e que crie condições favoráveis para o desenho, irá facilitar o gênio criador que cada pessoa tem dentro de si.

Segundo Lavelberg;

A funcionalidade do espaço é ordenada visualmente em cores e formas. No caso do painel de ferramenta; em escalas acromáticas, no caso das tintas; em tipos, no caso de anetas e de outros materiais de desenho (...) os alunos podem realizar a leitura de tal organização com facilidade e colaborar na manutenção e criação de novas ordens.(2003, p.13).

Observamos que a sala de educação infantil do CIEP é uma releitura de uma sala de ensino fundamental, não há nada que possa estimular a criatividade dos alunos em relação ao desenho. Em uma das salas encontramos figuras de desenhos animados, porém nenhuma atividade que fosse realizada pelos alunos. As tintas e os demais materiais ficam guardados em armários fechados e as paredes são desprovidas de qualquer beleza infantil.(fig.3).

Paredes do CIEP



Figura: 3- Ciep-acervo da autora

A funcionalidade do espaço não é ordenada visualmente com cores, formas ou materiais de desenho que estimule a criança em seu fazer artístico. Não há um espaço artístico, na escola. Passeios e atividades culturais não existem. (Fig.4, Fig.5 e Fig.6).



Figura 4 Ciep- acervo da autora



Figura 5- CIEP - Acervo da autora



Figura 6- CIEP Acervo da autora

Realizamos um Projeto no CIEP, intitulado: “Crianças Famosas”, onde realizamos uma ciranda de leitura sobre: Pablo Picasso, Tarsila do Amaral e Van Gogh. Depois, cada aluno fez o seu auto-retrato, e nós, fizemos o auto-retrato da turma. (Fig.7).



Figura 7- Sala do CIEP - Acervo da autora

Foi uma atividade interessante, com o objetivo de despertarmos nas crianças o gosto pela leitura, e no fazer artístico, em relação ao desenho. Algumas crianças não conseguiram desenhar livremente, foi quando percebemos que elas haviam copiado flores do caderno, passando o lápis por cima. Essas crianças estão na sala de educação infantil, porém sua idade cronológica é de em média sete a oito anos. Percebo que elas acostumaram-se a modelos pré-estabelecidos, por isso estão com sua criatividade bloqueada. Talvez seja necessário um trabalho em relação ao desenho infantil mais direcionado, e que leve esses alunos a se auto- afirmarem em seu fazer desenhista.

A escola da rede privada era um pouco menor, porém, mais atrativa. Com algumas atividades expostas que foram feitas em conjunto, professora e alunos. Os materiais utilizados durante as aulas, ficam expostos em prateleiras, e quando a professora os utiliza, pede a colaboração das crianças.



**Fig.8 CEAM - Pré escolar 3 à 5 anos.
Acervo da autora**

Outra escola que visitamos durante as aulas de prática de ensino foi o Centro Educacional de Niterói. Essa escola tem uma proposta educacional em relação à arte na escola muito boa. As atividades de desenho espontâneo realizado pelos alunos ficam expostas em murais, nas salas de aula e nos corredores da escola.(Fig.9, Fig.10 e Fig.11).



**Figura 9 CEN acervo da autora
corredor do CEN**



Figura 10- sala de aula do CEN – acervo da autora



Figura 11 –mural do CEN – Acervo da autora

Criar um ambiente tranquilo e relaxante, onde a criança sinta-se segura e capaz, é um desafio que o professor irá enfrentar, afim de que seus alunos expressem mais os seus saberes de desenhista. A matéria de arte

necessita de um lugar ideal para a sua realização. Por isso é necessária uma sala apropriada para que se ministre as aulas. Como exemplo temos a foto abaixo. (Fig.12 e Fig.13).



Figura 12- Sala de arte do CEN Acervo da autora



Figura 13- sala de arte do CEN- Acervo da autora

Capítulo IV- Fases do desenho de 2 a 5 anos.

A arte na vida da criança não começa com o primeiro rabisco, inicia-se quando os sentidos estabelecem o primeiro contato com o ambiente, e ela reage a essas experiências sensoriais tocar, cheirar, ver, manipular, enfim, qualquer maneira de perceber o meio e reagir a ele é de fato, a base essencial para a produção de formas artísticas. Durante os primeiros anos de vida a criança começa a estabelecer padrões de aprendizagem.

Por volta dos dezoito meses de idade a criança conseguirá expressar-se sob forma de garatujas, que é um importante passo no seu desenvolvimento, ela conduzirá ao desenho, a pintura e também a palavra escrita. É de grande importância incentivar a criança nessa fase, pois ela necessita sentir –se segura e confiante para expressar-se de forma plena. (Fig.14).



Figura- 14; José Henrique- 3 anos CEAM- acervo da autora

Percebemos a liberdade que a maioria das crianças pequenas tem em relação ao desenho e as demais atividades artísticas, elas conseguem expressar-se da forma mais simples possível, foi por isso que Picasso disse:

“Antes eu desenhava como Rafael, mas eu precisei de toda uma existência para desenharmos como crianças”.

1-Garatujas

Ao descobrir seus registros no papel a criança sente um imenso prazer, e começa a rabiscar obsessivamente. A repetição de gestos criados por puro prazer não tem a intenção de representar figuras. À medida que ela traça, ocorre uma associação com os gestos, desenvolvendo assim sua atividade mental.(Fig.15)

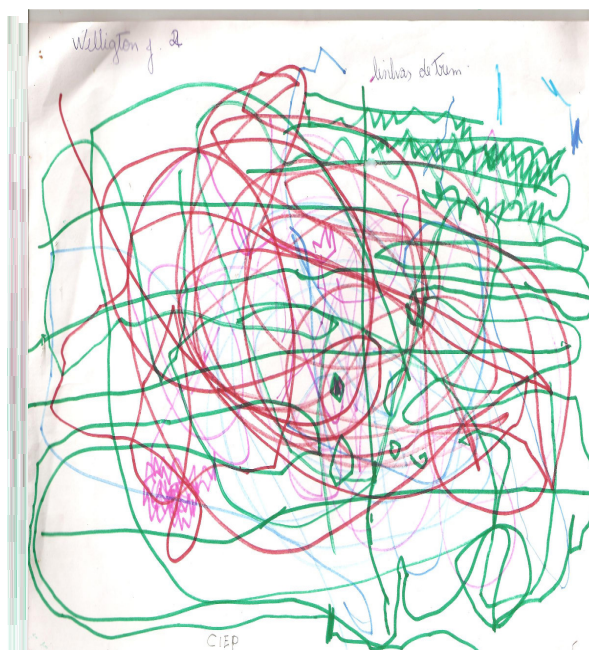


figura 15- welington 2 anos (CEAM).

Acervo da autora

Derdyk destaca que:

A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer, o que significa uma intensa atividade interna, incalculável por nós adultos.(1989, p.56).

A repetição de gestos causa a produção de diferentes traços descomprometidos com a figuração, porém com a associação que a criança faz, ela desenvolve sua atividade mental. As garatuñas começam com traços desordenados no papel, e gradualmente evoluem para um desenho mais legível no adulto. (Fig.16)



Figura16- José Henrique 3 anos-CEAM
acervo da autora

O modo accidental de distribuir linhas é por puro prazer e se não lhe proporcionarmos um lugar ideal, ela irá garatujar nas paredes ou em outro lugar. (Fig.17).

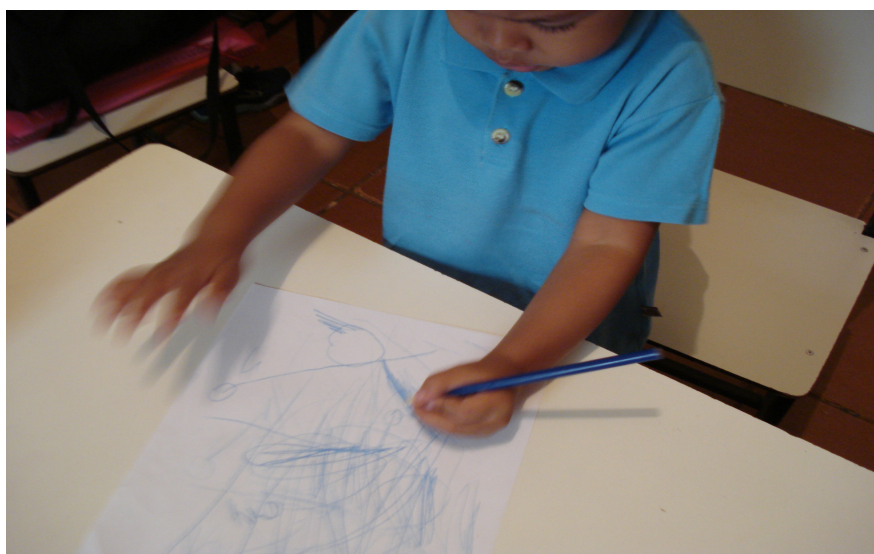


Figura17 –Matheus 2 anos- CEAM
acervo da autora

Durante essa fase, não existe profundidade, a noção de desenhar objetos abrange a criança por volta dos três anos de idade. *"Nessa fase a atividade de garatujar torna-se um meio concreto de expressão, pois ela faz parte do desenvolvimento natural da criança"*. (Kellog,1967).

Ao desenhar, as crianças visualizam as formas do meio em que vivem seu traçado, o que lhe é uma experiência individual. A medida em que tem domínio das sensações imediatas, elas começam a estabelecer diferenças e semelhanças entre os elementos. Aos dois anos de idade, quando os gestos naturalmente vão se arredondando, logo aparece em suas composições o círculo, mostrando uma composição de forma fechada.

(Fig.18).

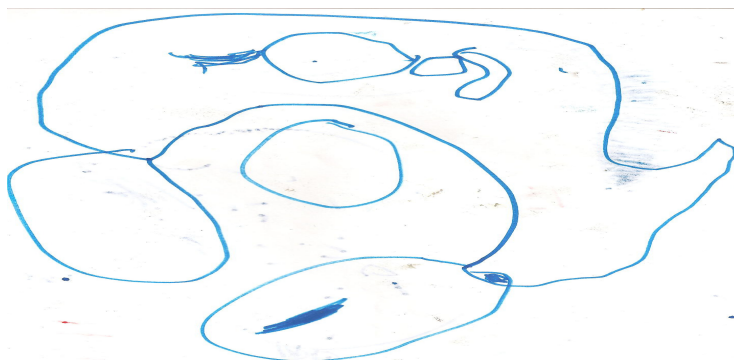


figura 18-Josué- 3 anos CIEP
acervo da autora

O importante é desenvolver o desenho como ato cultural. Ao ensinar a criança a copiar, inibe-se sua capacidade criadora reduzindo sua apropriação individual, o seu eu criador. Com o avanço da idade a criança apresenta uma linguagem própria relacionada com a construção de sua identidade criadora. Essa identidade é altamente relacionada com suas experiências vivenciadas até aqui. Cada criança tem o seu jeito próprio de expressar suas vivências, por isso cada uma tem o seu tempo próprio de desenvolver-se, independente da idade.

Coletamos alguns desenhos e realizamos uma análise contextualizada com os teóricos trabalhados nesta monografia. (conforme já citamos anteriormente) (Fig.19).

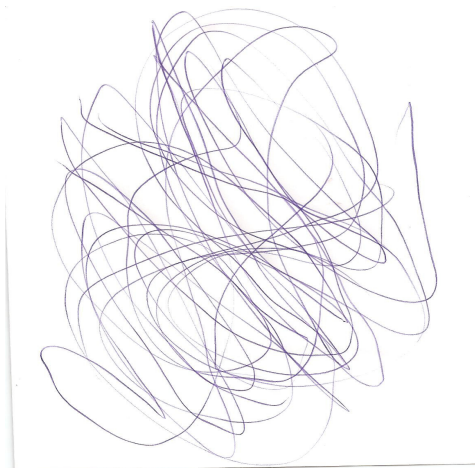


figura 19 -Ariadine, 2 anos- CEAM
fonte: acervo da autora

Derdyk destaca que:

O círculo elevado ao estatuto de forma fechada, de corpo de objeto, ganha importância. Gera a noção de autonomia, atribuindo a cada signo gráfico um sentido de permanência. (1989,p.90),

Tendo como base o círculo a criança começa a criar formas geométricas, tensão interna e externa, num gesto instintivo. (Fig.20 e Fig.21).

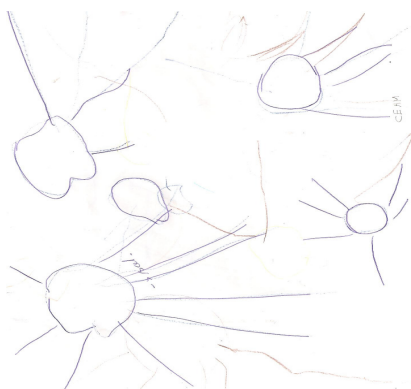


figura 20- Miguel, 4 anos –CEAM
fonte: acervo da autora

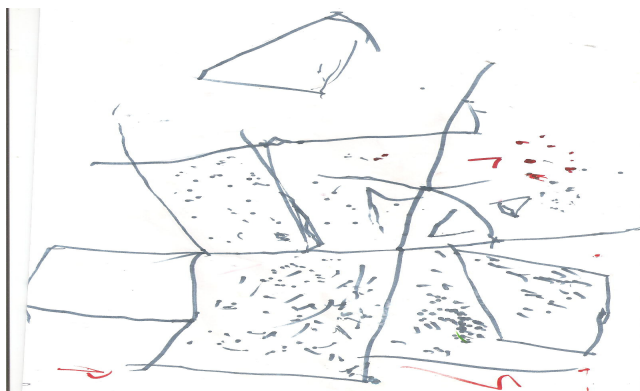


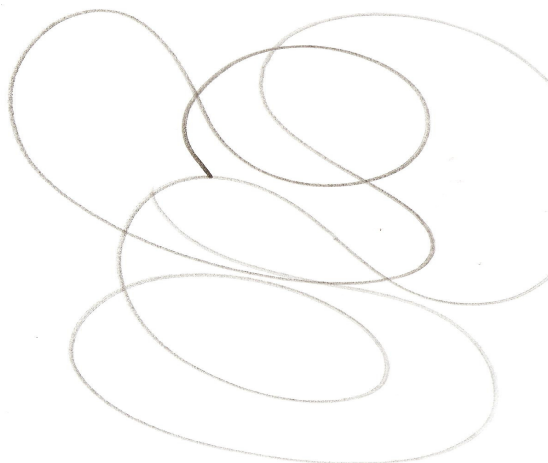
Figura 21- Gabriel, 3anos-CIEP fonte:acervo da autora

Nessa fase a criança já descobriu o controle visual sobre os traços que faz, uma coordenação entre o seu desenvolvimento visual e motor, por isso ela varia seus movimentos e as linhas podem ser repetidas e traçadas com grande vigor, na forma vertical, horizontal e em círculos. Nessa fase elas gostam de encher a folha toda, é o que chamamos de garatuja controlada. Ela começa a dar nome às suas garatuja, indicando uma transformação no seu pensamento, já consegue imaginar. Já anuncia que vai desenhar, (Fig.22 e Fig.23).

Garatuja controlada .



figura 22 João, 3 anos CEAM
Fonte de acervo da autora



Garatuja circular

Figura 23- Alice, 3 anos e seis meses
Fonte: acervo da autora

Esta garatuja mostra movimentos repetidos estereotipados, refletindo falta de auto-confiança na arte de desenhar livremente.(Fig.24)

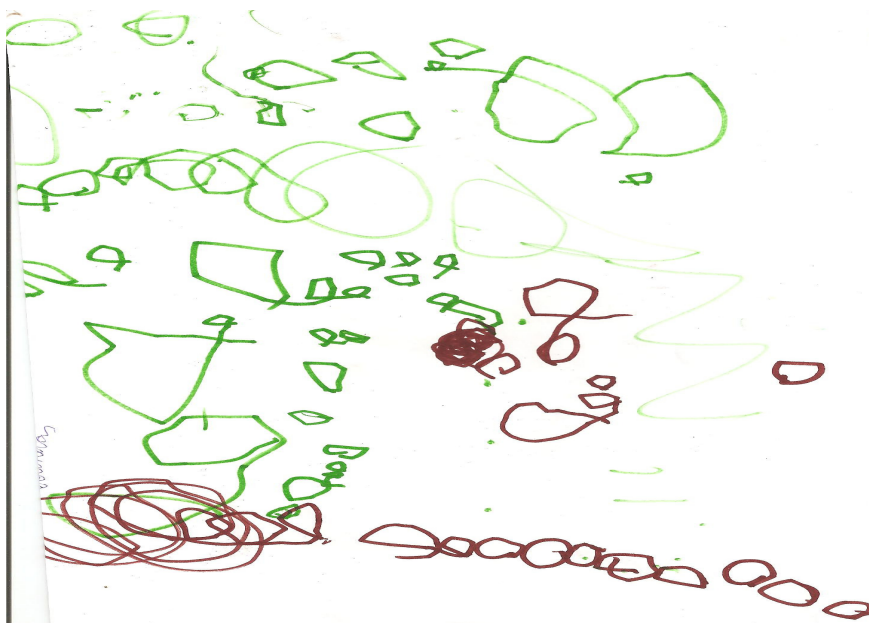


figura 24- Victor, 4 aos CIEP
Fonte: acervo da autora

O desenho é um ato cultural. Ensinar a criança a copiar é privá-la de sua capacidade criadora, reduzindo o seu potencial criativo e sua visão de mundo. As crianças são pessoas diferentes, por isso, não vamos enquadrá-las nas varias etapas descritas.

A partir do círculo, a criança constrói tipos de desenhos diferentes. Observamos que para construir bonecos ou outros desenhos a criança continua a utilizar os círculos como base para essa atividade. (Fig.25 , Fig; 26).



figura 25 ,Manuela, 4 anos- CIEP
fonte: acervo da autora



figura 26 Lucas, 4 anos- CEAM
Fonte: acervo da autora

Neste desenho (Fig.26), o Lucas havia acabado de assistir ao filme: “A Era do Gelo”, então me disse que ia desenhar o Mamut. Mesmo havendo sugestões, é o conhecimento interno da criança que a influenciará no que irá desenhar. Ela continuará desenhando dessa forma, pois a mudança só ocorrerá após um período de vivência e oscilação entre o tipo primitivo e o tipo novo. Conforme vai crescendo e adquirindo novas experiências, a criança aprende a observar e a exprimir através do desenho (na maioria das vezes), suas vivências.

Luquet afirma que:

O caráter automático da conservação do tipo, manifesta-se particularmente nos desenhos em que a criança continua a representar pormenores de que esqueceu a significação e por consequência, a reprodução pode explicar-se pela rotina. (1969, p.63).

Sendo assim, o modelo original mantém-se preservado e só ocorre modificações, quando é criado algo novo, e esse passa para a fase posterior. Alguns educadores nessa fase trabalham com modelos pré-estabelecidos,

motivando o ensino e os fundamentando na cópia, fazendo com que a expressão natural da criança seja inibida.

Todos conhecemos a história da “Flor Amarela”, onde o menino estava acostumado a desenhar uma flor que a professora colocava no mural como modelo. Certo dia ele mudou-se de escola, e quando a outra professora pediu-lhe para desenhar uma flor, ele desenhou aquela antiga flor amarela.

Derdyk, afirma que:

O Ato de copiar, diferentemente carrega um significado opressor, censor, controlador. Poderíamos dizer que a necessidade de copiar igualzinho não inclui e não autoriza a criança a ser autora da ação. O ato de copiar é vazio de conteúdo, mera reprodução impessoal. (1989, p.110).

A partir de suas experiências, a criança recebe motivações necessárias e indispensáveis para desenvolver sua sensibilidade e aprende a associar cores e formas com objetos reais, a partir do significado emocional que o objeto tem para a criança. Uma outra questão que devemos levar em conta é a proporção, pois ela está relacionada ao lado emocional da criança.

Agora a criança desenha de acordo com suas percepções e não com o tamanho real dos objetos. (Fig.27).



Figura 27 -Beatriz, 5 anos- CIEP

Fonte: acervo da autora

OBS: nesse desenho, Beatriz desenhou sua mãe comendo um pedaço de melancia.

Lowenfeld diz que: ***“a criança desenha proporcionalmente em relação aos seus sentidos e desproporcionalmente, para os que olham objetivamente, as suas pinturas”***. (1954 ,p.119). Nem sempre os desenhos infantis, aos olhos adultos, parecem desenhos coerentes, porém, ela desenha do jeito que percebe o mundo. Ali, ela retrata suas emoções, sua relação com o outro .

Considerações Finais

O ato de desenhar está presente em todas as etapas de nossa vida, e em especial na educação infantil, Este ato constitui um mediador de conhecimento, onde através do desenho podemos expressar sentimentos e anseios.

A LDB-9394/96 estabelece no 2º, do art 26 que: “O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Observando esse item da lei, percebemos que é muito importante trabalhar a arte no âmbito escolar, pois ela nos ajuda a perceber e valorizar a pluralidade cultural no país. Através dela conseguimos expressar o nosso jeito de ver e pensar sobre varias questões culturais e educativas.

Durante essa pesquisa nos foi possível analisar o fazer pedagógico de alguns professores de educação infantil, inclusive o nosso. Percebemos a responsabilidade em se trabalhar a arte em sala de aula de forma plena, direcionada, mas que não seja pré estabelecida pelo professor, mas sim de livre expressão. Destacamos também, a responsabilidade do professor na construção de um ambiente favorável ao desenvolvimento do desenho infantil. Percebemos que o prazer demonstrado pelas crianças deixará de existir se não forem permitidas as explorações de sua função expressiva e de seu pleno potencial na arte de desenhar.

Com base nos resultados obtidos na pesquisa analisamos que, como profissionais comprometidos com o fazer artístico de nossas crianças, precisamos repensar urgentemente sobre o nosso “fazer educador” em sala de aula, e não deixar de dialogar com elas a respeito do desenho que produzem. O olhar que o professor tem a respeito do desenho produzido por seus alunos, apóia-se em suas concepções pedagógicas. O desenho deve ser visto como linguagem, idéias constituídas em sua própria história de vida.

Dessa forma, esperamos que essa presente pesquisa sobre o desenho de livre expressão e o desenho pré-estabelecido venha contribuir para que professores e alunos, a partir dessa vivência, compreendam a real importância que o desenho tem na vida das crianças. Elementos formais

(composição plástica e formas) são evidenciados dentro do desenho infantil, tendo sua própria linguagem. Não podemos pensar em uma arte por arte, mas sim em uma arte direcionada que leve o aluno ao pleno desenvolvimento de suas habilidades artísticas.

O presente trabalho poderá ajudar o professor em sua auto- análise e em seu desempenho, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, levando em consideração sempre às experiências vivenciadas pelos alunos, visando um projeto educativo que valorize a arte de desenhar.

Destacamos neste trabalho a proposta triangular da escritora Rosa Iavelberg, que vê o ensino de arte dentro de uma perspectiva multicultural, onde o fazer do professor é inteiramente ligado á sua formação pedagógica, desenvolvendo assim um olhar em relação à arte mais coerente, observando-a de modo geral não apenas como um conteúdo a ser dado em sala, mas como um projeto, que possa levar alunos e professores ao melhor desempenho desta na escola.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998. 197p.
- _____, Ana Mae. **Jhon Dewy e o ensino da arte no Brasil**, Cortez, 2002.
- BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994. 336p.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989, 239p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e terra, 1996, 34ª edição.
- IAVELBERG, Rosa, **Para gostar de aprender arte, sala de aula e formação de Professores**-Porto Alegre, Atmed, 2003.
- Kulman, Júnior Moisés. **Infância e Educador Infantil**, São Paulo, Campinas, Papirus, 1997.
- LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1954.
- LOWENFELD, V., BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977. 395p.
- LUQUET, G. H. **O Desenho infantil**. Porto, Civilização, 1969. 253p.
- MÉREDIÉU, Florence de. **O Desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1974. 115p.
- MORAES, Vinícius de. E Toquinho. **Musica: Aquarela**. Universal Music Brasil: 1998.
- Parâmetros Curriculares Nacionais da Arte - v.6 - Ministério da Educação: Brasília, 2001.
- PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e Construção de conhecimento na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 255p.
- WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- Sell, Silvia Pillot, **Propostas para a arte na educação infantil**, São Paulo, 2006.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa, ed. Antídoto, 1969.

Anexos

Nome: Helma Melo
 Idade 40 anos Escolarização Ensino Médio Profissão professora

Questionário;

1-Você trabalha com desenho em sala? Porquê?

sim. Trabalho como forma de expressão
livre do aluno sem rotulá-lo.

2-Em que tipo de atividades você utiliza o desenho?

Atividade livre.

3-Você cria situações onde a criança, tenha realmente condições de expressar o que pensa através do desenho?

sim. Procuro contar histórias deixando os
livres para expressar o que entendem
das mesmas.

4-Qual o espaço que você utiliza para essa atividade?

sala de aula. Biblioteca e pátio.

5-Você propõe releitura de obras de arte para as crianças?

sim, sempre ao final da aula

6-Você trabalha com modelos pré-estabelecidos(esteriotípad) ou com desenho livre?

Os dois.

7-Você utiliza livros didáticos? Estes livros trabalham o desenho infantil de que forma?

não.

8-A escola tradicional incentiva a cópia de modelos, a renovada defende que as crianças não precisam de orientação, já o modelo contemporâneo propõe que a criança desenhe a partir de seus conhecimentos. Em qual dessas escolas você tem trabalhado? Porquê.

Renovada. Porque cada qual tem o livre
arbitrio de expressar seus pensamentos e conheci-

9-Em sua opinião, qual a função do professor de educação infantil em relação ao desenho?

Avaliar sem rótulos cada pensamento
exposto pelo aluno através de seus
desenhos.

10-Você leva sua turma a exposições?Quais?

Exposições elaboradas pela própria uni-
dade escolar.

11-Quais os materiais utilizados nesta atividade?

materiais diversos.

Nome: Flávia Maria da Silva
 Idade 28 anos Escolarização 2º Profissão Professora

Questionário;

1-Você trabalha o desenho em sala? Porquê?

Sim, porque através do desenho a criança volta a
imaginação e criatividade.

2-Em que tipo de atividades você utiliza o desenho?

Para matemática desenhando quantidades, em português para
ajudar a coordenação motora. Em fim, procuro sempre trabalhar
com desenhos livres nas aulas.

3-Você cria situações onde a criança, tenha realmente condições de expressar o que pensa através do desenho?

Sim. Conto uma história e peço para que eles desenhe
a história mudando o final, assim eles criam até mesmo
outra história.

4-Qual o espaço que você utiliza para essa atividade ?

Às vezes no chão com giz, ^{no patio} na sala de aula

5-Você propõe releitura de obras de arte para as crianças ?

Este ano ainda não trabalhei, pois a turma está ^{iniciando} se formando agora.

6-Você trabalha com modelos pré-estabelecidos(esteriotipados) ou com desenho livre?

Gosto de trabalhar com desenho livre pois as crianças
são capazes de se expressar através dos desenhos.

7-Você utiliza livros didáticos? Estes livros trabalham o desenho infantil de que forma?

De várias formas com tracejados, para colorir, para enfeitar com papel picado
etc...

8-A escola tradicional incentiva a cópia de modelos, a renovada defende que as crianças não precisam de orientação, já o modelo contemporâneo propõe que a criança desenhe a partir de seus conhecimentos. Em qual dessas escolas você tem trabalhado? Porquê.

Na última pois as crianças absorvem tudo em sua volta e são capazes de transmitir tudo isso através do desenho.

9-Em sua opinião, qual a função do professor de educação infantil em relação ao desenho?

Dar condições as crianças para criar pois eles tem uma capacidade e imaginação incrível.

10-Você leva sua turma a exposições?Quais?

não, este projeto ainda está sendo montado.

11-Quais os materiais utilizados nesta atividade?